



Cult uras



Lorenzo Viotti nasceu em Lausanne, em 1990. E estudou em Viena, Lyon e Weimar

Estar no lugar certo

Trabalho e responsabilidade são as palavras que Lorenzo Viotti mais gosta de usar. O novo maestro titular da Orquestra Gulbenkian faz surf e tem 27 anos. E trouxe o futuro na manga

ENTREVISTA LUCIANA LEIDERFARB

Culturas

L

orenzo Viotti tem 27 anos e aos 19 era percussionista da Filarmónica de Viena. Nasceu em Lausanne, de pais músicos — e os três irmãos também o são. Diz que ser maestro não se aprende mas estudou direção orquestral. E os concursos que ganhou atestam que é bom naquilo que faz. A Orquestra Gulbenkian (OG) é o seu “primeiro casamento”. O Expresso falou com o (literalmente) novo e poliglota maestro titular.

Teve em janeiro o primeiro concerto com a OG. Quais foram as primeiras impressões?

Lembro-me de tocarmos um programa complicado — Wagner, Chausson, Debussy e Scriabin — e exigente para a orquestra. Trabalhámos muito e impressionou-me tudo o que conseguiram crescer em três dias. Fizemos dois concertos e no segundo fiz algumas mudanças para os testar — porque adoro não fazer sempre a mesma coisa.

E a orquestra respondeu.

Sim. Essa foi a primeira impressão: a de estar perante verdadeiros músicos. Porém, pareceu-me que não estavam habituados a ser espicados. Sei que forcei um bocadinho, mas, para mim, é importante ir até ao fim, ensaiar até ao último minuto.

Já fez algumas observações sobre a orquestra. Como a descreveria?

É muito flexível e tem a programação de uma grande orquestra sinfónica. Tocou-me o facto de serem tão bons músicos. Ainda que por vezes pareçam estar demasiado confortáveis, dão tudo no concerto e são capazes de mudar. Há muitos músicos novos, que desejam crescer e não ser esquecidos. E penso que isto acontece também com Portugal. Na Europa, Portugal não é assim tão conhecido. Quando eu andava na escola, não aprendi nada sobre a história dos portugueses. Na música clássica, primeiro estão a Áustria, a Alemanha e a Inglaterra. Depois os países nórdicos, França e



TIAGO MIRANDA

Há dois anos, aos 25, o maestro suíço ganhou o Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award, o Concurso Internacional de Direção de Cadaqués e o Concurso de Direção da MDR

Itália. Depois Espanha, e só a seguir Portugal. Mesmo a Gulbenkian, que há 15 anos era muito famosa, ficou esquecida. Isto para mim é chocante. Olhe para a acústica, para o coro, a orquestra, a infraestrutura. E olhe para o céu azul na maior parte do ano, para a calidez que isso dá aos músicos.

Depreende-se que quer obter um maior reconhecimento internacional para a OG, e que irá fazê-la trabalhar muito. É assim?

Sim, porque o contrário é uma pena. Em qualquer orquestra, estar confortável prova que se alcançou alguma coisa e que isso é suficiente. Mas crescer implica suor. Se vou ser exigente? Sim, muito, tal como sou comigo mesmo. Não estou aqui só para fazer amigos. Quanto mais se habituarem às mudanças, mais as diferenças serão audíveis. Portanto, este é um casamento, o meu primeiro, e não sei se me vou divorciar ou se tudo será maravilhoso durante três anos. Sei a razão por que assinei o contrato e conheço as minhas responsabilidades. E cada minuto que passar aqui será para a orquestra. Aceitei este cargo porque estou pronto. Já tinha recusado

outros antes por não o estar — e por não ser a cidade ou o lugar certos.

E o que faz com que este cargo e esta cidade sejam certos para si?

Antes de conhecer a OG, já tinha estado em Lisboa. Tinha vindo fazer surf com a minha família e apaixonei-me pela energia da cidade. Soube logo que queria viver aqui. Depois conheci a orquestra e pensei: como é possível? Com estes jardins, com o museu, o edifício, há tanto futuro aqui! Claro que também há muito pó — é a chamada ‘velha escola’. Depois conheci o coro e foi uma história de amor. Fizemos uma surpresa ao público e eles cantaram *a capella*. Quase não dirigi, tal foi a confiança. Jamais aceitei algo pela fama, sempre fiz escolhas muito cuidadosas. E fiz esta porque me senti bem aqui. Pode soar egoísta, mas não poderia aceitar um cargo e não gostar da cidade. Por outro lado, esta orquestra não está debaixo dos holofotes. Isso é importante para mim — ver até onde podemos chegar juntos.

Que tipo de trabalho é necessário para desenvolver ainda mais a OG?

Não tem a ver com aprofundar este ou aquele compositor. O que faz a

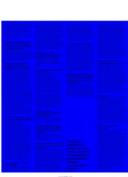
diferença são as relações humanas. São os maestros convidados, os artistas. Se a orquestra se sentir motivada, vai responder. Vou estar aqui entre 10 e 12 semanas por ano a trabalhar à minha maneira, que é exigente e requer muita concentração. E também vou ter um papel na escolha dos convidados, que serão artistas que respeito e que irão trazer à orquestra alguma coisa que eu não tenho.

O crescimento passa então pelo método e não pelo repertório.

Repere, Mozart é sempre uma boa medicação para uma orquestra: permite ouvir tudo o que não está a correr bem. Mas não acredito que tocá-lo uma temporada inteira traga uma evolução exponencial. É mais uma questão de como se trabalha e com quem. Para mim, o mais importante é o som — fazê-lo crescer nas cordas, nos sopros, na percussão.

Sendo novo, precisa de dirigir orquestras diferentes. Como vai equilibrar isso com o trabalho à frente da OG?

Como disse, vou estar aqui pelo menos dez semanas por ano, e esta será a minha casa. A relação que vou estabelecer com os músicos



será diferente da de um maestro convidado, que passa uma ou duas semanas por ano num local. É mais pessoal. Tudo o que acontecer à orquestra será também o meu problema. Mesmo em questões extramusicais.

O anterior titular, Paul McCreesh, falava de uma colaboração mais profunda entre o Coro e a Orquestra. Isso está nos seus planos?

Adoro trabalhar com a voz, adoro fazer ópera e música coral-sinfónica. Tenho grandes ideias nesse sentido e quero pô-las em prática o mais cedo possível. Vai ser uma surpresa.

E o que pensa dos programas pedagógicos? A Fundação tem investido bastante neste campo.

Isto é importante e será um dos pontos a conversar longamente com o Risto [Nieminen]. O que posso dizer é que trabalho ainda mais com a orquestra quando tenho crianças à minha frente. Em geral, gosto muito de falar com o público antes do concerto. Fiz isso em março, nos concertos com a Gustav Mahler Jugendorchester. E sei que funcionou porque, depois da última nota, houve 36 segundos de silêncio. Podemos ter concertos para crianças, trazê-las para o meio da orquestra, ter uma orquestra de jovens, abrir os ensaios, mostrar o processo — por vezes a luta! —, ter até uma academia. Mas só o facto de nos virarmos para o público e falarmos muda muita coisa. Mostra que somos iguais a toda a gente.

O que pode ser feito para os jovens se aproximarem da música clássica?

Abrir as portas. Todas as experiências que tive convenceram-me de que, se escolhermos as palavras certas, as pessoas vão perceber. Até porque à música não é preciso percebê-la, mas senti-la. Sou muito novo e não sei muito de pintura, mas adoro arte. Se chegar a um museu e vir um quadro de Monet, ele provoca em mim uma emoção. E se tiver perto de mim alguém que me diz “veja este pormenor”, que me abre essa janela, com palavras simples, vou olhar para o quadro de uma outra maneira. Hoje, a arte comunica com as elites. E é assim também com a música clássica.

Esse é o ‘problema’ da clássica? A comunicação?

Claro, mas não é exclusivo dela. Muitas pessoas odeiam rap, mas

se as levamos a ouvir rap de boa qualidade talvez mudem de opinião. Hoje em dia há tanta treta! Faz-se tanta coisa só para ganhar dinheiro e ter público! E este não escuta, apenas ouve. O que fazem os supermercados para estimular as vendas? Põem música acelerada, para as pessoas comprarem mais. E já reparou que nas casas de banho públicas a música é sempre calma? Podemos usar esse tipo de emoções de outra forma.

Voltando à OG, é a favor de incluir música de compositores portugueses na programação?

Sim, mas repare: se eu for à Alemanha, acha normal eles perguntarem se vou incluir música alemã?

Não, mas a música alemã é tocada em todo o mundo.

Quando ganhei o concurso em Espanha [Cadaqués, 2015], toquei com uma dezena de orquestras espanholas e tive de abordar compositores nacionais. E lembro-me de pensar que, embora fosse um gesto bonito e representativo da região, é também uma limitação. Concordo que se faça — e já acontece — mas o importante aqui é tocar música excepcional. Há música moderna que é um absurdo completo. Dito isto, tenho um ano pela frente para conhecer o vosso país e a música. E vou começar pela língua.

Diz que muita música contemporânea é um ‘absurdo’. Gosta de a dirigir?

Claro, mas vou ser muito seletivo. Só vou abordar compositores que respeito verdadeiramente.

A Fundação Gulbenkian tem um grande acervo de encomendas a compositores. Pensa explorar esse património?

Teria primeiro de ver as partituras. Não gosto de dizer nada sem saber do que estou a falar.

Como é que um maestro com menos de 30 anos lida com uma orquestra com 50 anos?

Da maneira mais honesta possível. Desde que comecei que sou sempre o mais novo e as pessoas à minha volta têm mais experiência do que eu. Por isso, estou aberto a ouvir as propostas que tenham. Porém, se estou perante uma orquestra com uma grande tradição em obras de Mahler, eu quero ouvir o que tem para dizer se essa tradição fizer sentido. Sou

contra a tradição só porque sim, sou contra uma coisa ser intocável só porque estamos em Itália e o compositor é Verdi. Isso é medíocre. Nunca começo a ensaiar sem estar preparado, sem conhecer a partitura, o estilo, a cultura. Sou muito jovem, mas sei o que estou a fazer.

Já teve de contrariar a tradição?

A tradição vem do maestro titular. Uma orquestra que trabalha 20 anos com um maestro torna-se o som que ele idealiza. Mas tem de haver um sentido em tocar uma nota de uma certa maneira. No caso da OG, tive a sensação de que a orquestra não tem um som que lhe seja próprio. Nas cordas, por exemplo, há uma grande democracia. E porquê? Porque não há um *concertino*, um chefe das cordas. Isso foi um choque.

Estudou percussão, piano e canto. E aos 19 anos foi percussionista da Filarmónica de Viena. Estar numa orquestra ajudou-o a encontrar-se como maestro?

Foi a melhor escola. Em Viena, eu era um mau aluno porque nunca estava no conservatório, e não passei à primeira nas provas para estudar direção orquestral. Então continuei com a percussão e, durante três anos,

fiz parte do coro do Musikverein, dirigido por [Riccardo] Mutti, [Claudio] Abbado, Boulez. Depois toquei na Filarmónica de Viena, que é uma orquestra com uma grande tradição. Faz 30 óperas diferentes numa temporada. Eles ligam-te e perguntam: “Podes tocar ‘Madama Butterfly’ esta noite?” Nessa época, dormia quatro horas por dia, porque estava sempre num ensaio ou a acompanhar cantores. Tinha também um acordo com o arquivo da Ópera Estatal de Viena: copiava as indicações dos maestros em troca de me emprestarem partituras.

Por que se tornou maestro? Um dia disse que nasceu para o ser.

É uma posição estranha para alguns, porque o maestro não produz fisicamente o som. Ele indica, com um movimento, como é que os músicos vão tocar — e isto é fascinante. Quando disse que nasci para ser maestro, o que quis dizer é que isso não se aprende. A liderança não se aprende. E ninguém pode dizer que não é um maestro antes de ter estado à frente de uma orquestra. Para mim, esse foi o grande teste. Quer saber como foi?

Sim, por favor.

Foi em Salzburgo, durante o Festival. Como percussionista, ia tocar no concerto dos estudantes. E o maestro cancelou dois dias antes. Então perguntaram-me: “Lorenzo, queres tentar?” Estava a um mês de iniciar o curso de direção orquestral e aceitei. Passei a noite a estudar a partitura. No dia seguinte cheguei, peguei na batuta e comecei. Não faz ideia: primeiro foi o medo de não ser capaz, depois a certeza de estar em casa.

E o que é ser maestro? É ser um criador?

É um trabalho de osmose, assente nas relações humanas. Se isso funcionar, a música virá a seguir. Há muita gente a criar coisas, ser artista é uma moda. Ser artista e viver em Berlim [risos]. Mas, desculpem: a arte é uma grande responsabilidade. Um desportista pode ser um artista se trazer emoção a milhares de pessoas. Portanto, mesmo que eu não crie uma peça nova e esteja na sombra, isso não é arte? Em vez de dizer “olha o que eu faço”, digo: “Olha o que nós fazemos para ti.” Eu sou nada sem eles. Mas como é que eles vão tocar comigo, e o que daí resultará — isso é que é interessante. ●

lleiderfarb@expresso.imprensa.pt

Sou contra a tradição só porque sim, sou contra uma coisa ser intocável só porque estamos em Itália e o compositor é Verdi



Viotti na Orquestra Gulbenkian Lorenzo Viotti é o novo maestro titular da Orquestra Gulbenkian, o mais novo de sempre a ocupar esse cargo na instituição. Com 27 anos, o suíço iniciará funções na temporada 2018/19. **R67**